DISCURSO DE POSSE (*)

João Hipólito C. de Oliveira

Diante da insistência do bispo de Sens, para que elaborasse um livro, destinado às autoridades eclesiásticas, sôbre a vida espiritual, exclamou atônito o grande vulto da Igreja Católica, que foi São Bernardo de Claraval, cuja festa religiosa, por sinal, o mundo cristão hoje celebra: "Quem somos nós, para escrever para bispos!" No entanto, após a exclamação, repassada de ternura e em que deixava transparecer todo seu sentimento de obediência, São Bernardo perguntava decidido e decisivo: "Quem somos nós para não obedecer aos bispos?"

Quando soube da obrigatoriedade de pronunciar, nesta casa, o discurso de posse, atentei bem para as palavras sensatas daquele que, no judicioso comentário de seu ilustre biógrafo Thomas Merton, foi a união do romântico e do gótico, daquele que se revelou um místico, misto de São Gregório VII e São Francisco de Assis, daquele que simbolizou a passagem luminosa do X para o XIII século. Mas contive minha exclamação, à maneira do imortal criador de "Sôbre os Degraus da Humildade", para concluir, demonstrando também o princípio da ordem: "Quem sou eu para desatender a uma determinação do Instituto do Ceará?"

Volta-se o meu pensamento, nesta hora solene em que ingresso no Instituto do Ceará, para o instante não menos festivo de minha iniciação literária, de minha formação humanística. Revivendo-o, quando já me povoam a cabeça os cabelos colonizadores de uma nova idade, presto minha homenagem muito respeitosa aos que despertaram, em mim, a dedicação pelos estudos, o devotamento aos livros.

Os primeiros mestres que tive foram, na verdade, meus pais, de quem herdei, do lado paterno, o gôsto pelas ciências e do lado ma-

---

(*) Proferido em sessão solene do Instituto do Ceará, realizada a 20-8-1957.

terno, o amor às letras. Confesso-vos, muito à puridade, que as minhas composições escolares, nessa fase de transição entre o curso primário e o secundário, foram da lavra de minha mãe, professôra diplomada. A destreza de cálculos, em que, quando criança, me entremostrava verdadeiro mestre, num contraste que, hoje, já se faz sentir inversamente, essa foi herança de meu pai.

Joaquim da Costa Nogueira, que me guiou, com seu poder mirífico, a marcha inicial no campo da instrução, teve o condão maravilhoso de estimular as duas facêtas, aparentemente opostas, de meu espírito. O professor Nogueira, cuja memória jamais deixei de reverenciar, foi o educador que teve maior influência na minha orientação moral e intelectual, e o cinzelador das carreiras que segui.

José Denizard Macedo de Alcântara, com sua aguda e arguta visão de historiador e geógrafo, descobriu, na data de meu nascimento, os bons augúrios das profissões que ora exerço. Alegro-me, realmente, de ter nascido no dia em que se festeja São João Batista de La Salle, padroeiro dos professôres católicos, e em que se comemora a divulgação da encíclica de Leão XIII, intitulada RERUM NOVARUM, o grande documento do socialismo cristão do século passado. Há, porém, outro contentamento que remonta à quadra venturosa de minha meninice e que teve como pálio o ambiente hospitaleiro do antigo Instituto de Humanidades: o conhecimento dos mestres e a companhia dos colegas. Foi essa convivência cordial e respeitosa que me deu o prazer, de par com o orgulho de haver servido, posteriormente, ao professor Nogueira, que me proporcionou a satisfação, dizia, de privar das grandes amizades que me traçaram o destino profissional. Tem razão Joaquim Nabuco ao proclamar em Massangana, trecho antológico de leitura obrigatória entre os estudantes de minha geração, que "o traço todo da vida é para muitos um desenho de criança esquecido pelo homem, e ao qual êste terá sempre de se cingir sem o saber..." Sim, naquele estabelecimento de ensino primário, que foi, inegàvelmente, um dos maiores de seu tempo, tive a insigne honra de estreitar, mais e mais, minhas relações de amizade com o professor Nogueira, responsável pela minha estréia, ao término do curso secundário, no magistério particular. Devo-lhe, ainda, a feliz oportunidade de ter sido aluno de Paulo Sarasate Ferreira Lopes, muito digno governador do Estado do Ceará, que me convidou, após o fechamento do Colégio Nogueira, para trabalhar no jornal de que era redator e, em 1938, para lecionar no instituto de que foi fundador, e bem assim de haver contado, entre meus colegas de turma, Francisco Autran Nunes da Silva, honrado presidente do Tribunal Regional do Trabalho, que me possibilitou, de último, o ingresso na magistratura trabalhista, na qualidade de vogal dos empregados na Junta de Conciliação e Julgamento de Fortaleza. Dessas três ocupações, de que já se vai desgarrando, aos poucos, o jornalismo, fixaram-se, como

constantes nas minhas lides atuais, o ensino e o juizado, até que possa dedicar-me, num futuro próximo, tão sòmente a uma delas, em definitivo. Há menos de um mês, quando de sua visita a êste Instituto, de passagem por Fortaleza, disse-me o Reverendo Frei Mathias Kiemen, catedrático de História Hispano-Americana da Pontifícia Universidade de Washington, que um dos males do professorado do Brasil, ao que lhe fôra dado observar de relance, era o fato de os seus seguidores não poderem viver, exclusivamente, do ensino, pelo ensino e para o ensino. Quanto a mim, encontrei, ao acaso, a resposta à justa observação de Frei Mathias em Carl Sandburg, cujo poema famoso "The People, Yes" é bem "uma grandiosa rapsódia do homem da rua".

Se me penitencio do desdobramento de meus afazeres presentes, que me impede de desempenhar, melhor, minha especialização e de ser mais útil a mim e, talvez, aos outros, como no verso lapidar de Sandburg, não posso queixar-me, todavia, da extensão dos esforços que desenvolvi no início de minhas atividades no ensino médio. Eu bendigo, mesmo, essa multiplicidade de cargos e de encargos, que me levou a ensinar Ciências Matemáticas e Ciências Físicas, mas que me deu uma visão mais nítida do quadro dos conhecimentos humanos, pois obedeceu a um imperativo vocacional, quando me debatia, orgulhoso, entre exercer a advocacia — ser ou não ser advogado — e seguir uma nova carreira, no caso a engenharia. Reconheço que foi daí, dêsse binário de esperanças, dessa dualidade de aspirações, que não se revestiam, contudo, do caráter de indecisão, de dúvida hamletiana, que foi daí — repito — que surgiu o desejo de apegar-me a uma matéria que servisse, simultâneamente, às duas tendências manifestas no meu espírito. Registrado em Ciências Sociais, não hesitei, portanto, em especializar-me em Geografia, pois esta "ciência da paz" se liga ao Direito pela Antropogeografia, e se prende, ao mesmo tempo, como disciplina construtiva, à Engenharia, pela Fisiogeografia. E foi a Geografia, essa árvore dadivosa, que me ofereceu sombra acolhedora e frutos opimos, assim "cumulando de graças e favores à mais humilde e frágil criatura", para louvá-la como um dos seus mais ternos cantores, o cintilante poeta cearense — padre Antônio Tomás. Exaltando aqui a Geografia, agradeço-lhe, de alma genuflexa, os benefícios de tôda natureza que ela me prestou desde a conquista de uma cátedra no Instituto de Educação e a obtenção desta cadeira no Instituto do Ceará à consecução de duas bôlsas de estudo, uma pelo Conselho Nacional de Geografia, na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, e outra pelo Departamento de Estado Americano, em Nova Iorque, nos Estados Unidos.

Denizard Macedo, em sua belíssima peça oratória, salientou que voltei dos Estados Unidos sem ter americanizado o meu português,

da mesma forma que regressei do Rio sem ter carioquizado o meu linguajar nordestino. Quão agradável soa e ressoa aos meus ouvidos o dialeto cearense, "essa língua rimada dos violeiros do Ceará, língua cantada de todo o povo do Ceará", da poesia inspirada de Filgueiras Lima.

Atribuo essa fidelidade ao "torrão natal" à minha concepção geográfica de que a pátria é a família amplificadora, segundo o conceito eloqüente de Rui Barbosa, e de que há, nesse amor, na acertada opinião de Joaquim Manuel de Macedo, uma escala ascendente, que vai do lar doméstico à paróquia, da paróquia ao município, do município à província, da província ao Império. E nessa sucessão de idéias, muito oportunas, embora expendidas ao tempo da monarquia, eu digo: "Do Estado à República", e acrescento: "Da República ao Universo". É que, para Macedo, ama-se o todo porque se ama a cada uma de suas partes.

Desejo externar, igualmente, pela minha eleição para esta casa, meus sinceros agradecimentos aos cultores da ciência geográfica, neste templo de saber, ou àqueles que, como Denizard Macedo, casados com a História, vivem de namôro com a Geografia.

A indicação de meu nome para êste cenáculo partiu do eminente associado Renato Braga, que o sugeriu para o provimento de uma das cadeiras criadas com a ampliação do quadro social do Instituto do Ceará, por volta de julho de 1955. Surpreendeu-me a notícia que me deu então Renato Braga, de que iria votar em mim para uma vaga de que não tinha ciência e a que, portanto, não era candidato, visto como não me julgava, na realidade, à altura de pertencer à maior organização cultural do Estado. Essa surprêsa tornou-se tanto maior quanto, logo depois, passei a receber os votos de Mozart Soriano, Francisco Alves e tantos outros, que procuraram homenagear, na minha pessoa, o professor de Geografia e o estudioso dos problemas do Nordeste. A despeito do apoio valioso dêsses devotados companheiros e de outros amigos prestimosos que conseguiram eleger-se naquela ocasião, e que instaram na apresentação de minha candidatura, entre os quais é de justiça ressaltar Manuel Albano Amora, apesar disso, quando o fizeram, bati tão de leve às portas dêste Instituto que acreditei não fôsse sequer ouvido. Tive a suprema ventura, porém, de ser sufragado por todos os seus titulares, numa unanimidade confortadora, mas que representou, para mim, uma recompensa que não esperava e uma consagração que não merecia.

Quando me escolhestes e acolhestes não vos animou, certamente, senão o denodado propósito de me convocardes para a obra patriótica que vindes realizando em prol da região nordestina e, especialmente, do Ceará. Permiti que vos diga que sou experimentado em convocações dessa natureza, porque, na época da guerra, durante mais de 2 anos, fui recrutado, como o foi Mozart Soriano Aderaldo, para,

em setor diverso do vosso, mas semelhante como escola de civismo, trabalhar na defesa da Pátria, como aluno do C.P.O.R., e depois como oficial da reserva do Exército da arma de Infantaria, estagiário no 23º BC. Parodiando o nosso inesquecível confrade Leonardo Mota, que foi um sineiro predestinado, ao anunciar, patriòticamente. as grandes datas históricas, posso dizer-vos, alto e bom som. que tenho vocação para sentinela. E é nessa qualidade que cerro fileiras a vosso lado, pronto a acudir ao primeiro chamamento e disposto a servir a generais de galões como Carlos Studart e Padre Misael Gomes; ou de galas como Pompeu Sobrinho, Dolor Barreira, Raimundo Girão, Fernandes Távora, Martinz de Aguiar, Djacir Menezes e Renato Braga; a chefes espirituais do porte de S. Excia. Revdma. D. Antônio de Almeida Lustosa, Andrade Furtado e Luís Sucupira; a comandantes aguerridos como Martins Filho, José Bonifácio de Sousa, Hugo Catunda, Clodoaldo Pinto, Plácido Aderaldo Castelo, Guimarães Duque, Mozart Soriano Aderaldo, Boanerges Facó, Josa Magalhães, Florival Seraine, Francisco Aives, Fran Martins, José Waldo, Filgueiras Lima, Denizard Macedo, Manuel Albano Amora, Valdori Uchoa, Paulo Bonavides, Ismael Pordeus, Aurélio Câmara, Amorim Sobreira, Eduardo Campos, Luís Barros e Braga Montenegro. Enfim, à velha e nova guarda.

Meus Senhores:

Já se tornou comum, no estudo das possibilidades do Brasil, o estabelecer um têrmo de comparação entre a nossa Pátria e outras grandes Nações. A êsse respeito cumpre destacar a crítica interessante o curioso paralelo, dois traços de fina e viva ironia, de um humorista brasileiro: "A diferença que existe entre o Brasil e os Estados Unidos é que, nos Estados Unidos, ninguém pensa qual a diferença que existe entre o Brasil e os Estados Unidos". Quero dizer-vos, entretanto, que assisti a admirável conferência, na Universidade de Siracusa, pronunciada por um técnico americano em assuntos brasileiros exatamente sôbre essa distinção. Preston James, com a sua incontrastável autoridade de profundo conhecedor da situação latino-americana, mostrou os pontos divergentes da formação liberal de ambos os povos. Enquanto o brasileiro se preocupa mais com a liberdade individual, a preocupação maior do estadunidense é a liberdade coletiva. Por êsse motivo — concluiu Mr. James — a terra de Floriano Peixoto e Getúlio Vargas suportou, por alguns anos, o período ditatorial, uma vez que foi difícil, senão impossível, a supressão dêsse liberalismo exclusivista. De igual valor é a lição do acatado sociólogo Oliveira Viana em sua magistral obra, "Populações Meridionais do Brasil", quando doutrina: "As liberdades públicas são, realmente, entre nós, apenas compreendidas e sentidas por uma minoria de homens excepcionais pelo talento e pela cultura e cuja educação não traduz, aliás, as influências de meios exóticos, principal-

mente americanos e inglêses. O resto da população — homens da cidade, homens do campo, homens do litoral, homens dos sertões, bem como o grosso das classes dirigentes não possuem o sentimento dessas liberdades. O que possuem, sim, é apenas o sentimento da INDEPENDÊNCIA INDIVIDUAL. Nós, brasileiros, conhecemos e sentimos a vida do homem independente; não conhecemos nem sentimos, nem podemos conhecer e sentir a vida do homem livre, como a conhecem e sentem, por exemplo, os anglo-saxões".

A semana passada, êsse consagrado homem de letras e ciências, de sentimento e pensamento, que é Josué de Castro, pronunciou magnífica conferência, em Fortaleza, sôbre a fome, tendo aludido às suas recentes viagens à China e outros países, as quais, juntamente com a oportunidade para pesquisas, lhe dão grande experiência e lastro cultural. Escusado será dizer da importância dêsse problema, que vem preocupando, sèriamente, pela gravidade que apresenta, os cientistas de todo o mundo. A questão inquieta, sobremodo, o povo brasileiro, com especialidade, o nordestino, cujas áreas alimentares — o NE açucareiro e o sertão — são, respectivamente, de fome endêmica e de fome epidêmica.

Servindo-me da imagem sugestiva e impressionante de Josué de Castro — e para evitar o paralelismo usual entre o maior país da América do Sul e seus rivais em área, na superfície terrestre — devo repetir que a situação da China difere da nossa como uma operação aritmética para uma equação algébrica, como uma tabuada para uma tábua de logarítmos.

Se o Brasil possui condições próprias, como país de vasta extensão territorial, a maior civilização dos trópicos, o NE tem o seu facies característico, a sua fisionomia impressiva e expressiva, no panorama nacional. Há, contudo, feições peculiares a tôdas as gentes, especialmente aos habitantes desta formosa terra de Santa Cruz, que é, por si só, um desmentido a velhos tabus geográficos ou a novos preconceitos raciais. Infelizmente, um dos aspectos comuns é, sem dúvida, a falta de ordem, a carência de organização, cujos efeitos prejudiciais tanto se refletem nas realizações governamentais como nas iniciativas particulares. Os nossos problemas são atacados mais na sua superfície de que na sua profundidade; mas na sua horizontalidade de que na sua verticalidade.

Como muito bem assinalou o aplaudido conferencista, ao falar no Centro Médico Cearense, "o Brasil precisa alguma cousa de funcional, para usar o vocábulo do dia, uma política produtiva de abastecimento e subsistência".

Conheceis, melhor do que eu, as necessidades prementes do povo do Nordeste e sabeis que somos tidos, com sobeja razão, como uma colônia de outras regiões. Cabe-nos, portanto, por todos os meios ao nosso alcance, reagir contra êsse desnível entre as divisões regionais

do Brasil, e apelar, ininterruptamente, para as fôrças telúricas e humanas que possuimos. Aí está, como uma prova inconcussa de dinamismo, o homem nordestino; aí está, como um exemplo formidável de fertilidade, a própria terra tão malsinada por muitos.

Se, no quadro de nossos valores, se, na expressão da realidade brasileira, aparecem fatôres negativos, como o desconfôrto material de nossos hospitais e escolas, o desaparelhamento técnico de nossos sistemas de transporte e comunicação, a inconsistência ideológica de nossas organizações partidárias, a inexistência de educação cívica em muitos de nossos governados e de espírito público em muitos de nossos dirigentes, ao lado dêsses têrmos, a Companhia Siderúrgica Nacional, a Petrobrás e a eletrificação do São Francisco são expoentes positivos.

A Cachoeira de Paulo Afonso, que pôs à prova nossa capacidade técnica, num teste edificante de civismo e brasilidade, poderá ser o grito — e ela não ficou rouca de chamar pela engenharia nacional, como no canto angustiado do poeta — poderá ser a voz de comando, insisto, da nossa redenção econômica.

A industrialização do NE, tema de palpitante atualidade, deve ser o ponto de partida, por seu turno, do desenvolvimento de nossas atividades agrícolas e de outras fontes de produção.

O festejado autor de "Geopolítica da Fome" — livro de que já foram tiradas várias edições em português e que já foi traduzido para diversas línguas — afirmou também que o Nordeste que incorporou o Acre ao território pátrio precisa integrar a sua região na economia nacional e, mais do que isso, levar, como moderno bandeirante do século XX, as fronteiras econômicas até aos limites geográficos do País. Faço votos para que o cearense se entregue à nova campanha, com a mesma fibra de emigrante e desbravador, com a mesma têmpera de herói e de mártir. A unidade brasileira, como acentuou Gilberto Freyre no seu atraente trabalho "Precisa-se do Ceará", muito deve ao cearense que, sendo um dos brasileiros mais fortemente marcados na carne e na alma, por combinações étnicas em que predominam os sangues português e amerindio (entrou talvez o cigano), e por cicatrizes de lutas brasileiríssimas com o clima e com o solo, com a sêca e com a fome, é o povo que, depois dos paulistas, mais se tem espalhado de Norte a Sul do Brasil, pelas cidades grandes e pelos ermos paludosos e terras virgens de civilização, cumprindo um destino supra-estadual ou supra-regional de unificador de brasis-regiões — e de domesticador ou civilizador de brasis-indígenas ainda agrestes — que eleva sua história dos limites provincianos ou das fronteiras estaduais para torná-la, como outrora a dos Bandeirantes e a dos Jesuítas — história dinâmicamente brasileira e história criadora em dimensões continentais.

Meus Senhores:

Caros colegas do Instituto:

Ao transpor, esta noite, os umbrais do Instituto do Ceará, casa que tem uma tradição a manter, uma missão a cumprir e um nome, que é verdadeiro nume, a perpetuar, pensei demoradamente nas glórias de seu passado, na grandeza de seu presente e nas responsabilidades de seu futuro. Cônscio dos meus deveres sociais e confiante na Divina Providência lembrei-me da oração sentida de um escritor profundamente religioso e reconhecidamente cristão, de que devemos suplicar não uma empresa simples e leve mas ombros resistentes e capazes para o bom e integral desempenho das nossas mais árduas e sérias obrigações. A exemplo de Robert Brooks, ergo também aos céus, nesta hora de reconhecimento, minha prece fervorosa, pedindo a Deus que me dê, no Instituto do Ceara, menos uma tarefa fácil e accessível do que fortaleza e lucidez de espírito para os seus grandes e notáveis empreendimentos, e passos firmes e seguros para a longa e áspera caminhada que, hoje, inicio neste altiplano da cultura cearense.